

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e Imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:
Campo de S. José, 91

ADMINISTRADOR,

Manoel da Silva Matos

ASSINATURAS:
Trimestre (correio) \$36—Semestre
\$72—Ano 1\$44—Avulso \$03ANÚNCIOS:
Cada linha \$03—Repetição \$02

Órgão do Partido Republicano Democrático

Director e Editor — Gonçalo de Araújo

É preciso distinguir!

«Quem se dispoz a aceitar ou a servir a Republica, lealmente, já o fez e teve tempo de sobra para se decidir.

Quem se conserva ou se passou para o campo de rebelião desde o principio alimentado pelo estrangeiro, fique onde se encontra.»

Dr. João de Meneses. («Lucta» 31-10-1914).

A conclusão logica a que chegou o illustre e imminente republicano, dr. João de Meneses, no seu brilhantissimo artigo da «Lucta», a que acima fazemos referencia, está bem de harmonia com o nosso pensar; satisfaz plenamente o nosso espirito.

Na verdade a suprema razão que podia existir e prevalecer para que certos indifferentes em politica, ou mesmo sequazes apologistas do regimen deposto não oferecessem, de principio, um apoio incondicional e entusiastico ao novo regimen, deixou ha muito de ter oportunidade, careca mesmo de base justificativa que se não atinge, e que só pôde firmar-se, dado o actual momento historico e situação politica internacional, no crime de alta traição para com a Patria.

Demonstrado ao paiz que só com a Republica, regimen solemnemente imposto pela vontade popular—fundamento de todas as democracias—é que pode coexistir a sublime ideia da Patria, a nenhum cidadão portuguez, por mais avançado ou retrogrado, é licito perturbal-a na sua marcha de glorioso progresso, senão ao abrigo da lei e com a lei.

Todo aquele que tentar contra a normalidade da sua senda governativa, é um criminoso dos mais execráveis.

É certo que se no dia da proclamação do novo regimen, cidadãos houve que—bem intetrados do ambiente politico, posto á prova pela mais intensa e criminosa propaganda eleitoral a que temos assistido e levada a termo precisamente por aqueles homens que, então, talvez por escarneo, se diziam forte e vigoroso sustentaculo do regimen que para sempre baqueara—a ele aderiram com desinteresse e patriotismo, e pela sua immediata consolidação dispuzeram da maxima energia e abnegação; outros houve que, sentindo baquear e velatilizar-se para sem-

pre, aquela atmosfera de predominio que individuamente disfructavam, para ele se dirigiram em amplexos de ipocrita lealdade, com o proposito firme de, amanhã, mais a coberto, conspirarem contra a sua existência.

Dos primeiros porem—bem pesaroso é dizel-o, porque se não comprehende tão grande contradicção e semelhança apostasia—nem todos civicamente cumprem o seu dever; nem todos conservam intacto o seu crédito; nem todos se sabem, por medida de profilaxia social, desligar de velhos habitos e preconceitos, absolutamente antagonicos com a nova ideia, que em si consubstancia a doutrina mais pura e a aspiração mais nobre—a da liberdade, do bem e da justiça.

É que estes, supondo-se predestinados, não cuidam mais do que obedecer automaticamente á pressão esmagadora dos seus desiguos que os acorrentam á ruina e ao descabro!

Não querem entreolhar o abismo que cada vez mais horrivel se suerge!

Em todos julgam existir corações nobres e almas generosas!

Sonham e idialisam, e sonhando e idialisando vão levando de vencida esta existência, como intima e segura convicção de que, para a defeza do idial conseguido á custa de tantos e tão grandes sacrificios, unicamente bastam a boa intenção dos... inimigos e a docilidade dos... governados!

Erro gravissimo é dos que tal supoem, na expectativa de que tão segura causa não pode ser violentamente sacudida pelo tufão da insanía e do crime; como se não estivesse demonstrado que o homem sadio e de mais vigorosos musculos pode cair inane, ao voltar duma esquiná, atravessado na navalha homicida do desnaturado rufá!...

Entre os segundos ha que

distinguir os que tendo aderido ao novo regimen com ele plenamente se conformaram e até serviram e dentro dele ainda dizem viver, embora por emolação ou despeito a todos os instantes lhe arremessem os mais vivos improperios, com aprazível aplauso e assentimento de monarquicos militantes; e os que, por medo, ipocrisia, doblez ou ambição desmedida, do novo estado de coisas se serviram para simultaneamente saociarem, embora com oprobrio, a sua dupla aspiração:— encher o estomago e atraiçoar a Republica.

Ora estas considerações surgem-nos neste momento de repressão, para exigirmos em obediencia a um principio de moralidade e num instincto de legitima defeza, para que estes ultimos, que são afinal o maior numero, sejam aniquilados com a applicação severa das disposições penais em vigor, e dispersos para onde com dificuldade possam comunicar entre si, na premeditação de crimes da mais elevada repulsa social.

Nada de comiserções para quem se conserva e se passou para o campo da rebelião desde o inicio alimentado pelo estrangeiro, no numero dos quais se tem de agrupar todos os que até ao presente momento se não dispuseram a aceitar ou servir, lealmente, a Republica, e que já agora a isso se não decidem, porque, como autorisadamente diz o illustre republicano:

«Quem se dispoz a acatar ou a servir a Republica, lealmente, já o fez e teve tempo de sobra para se decidir.»

E, então, em Barcelos, como em nenhuma outra terra do paiz, com mais razão deve applicar-se, tão salutar teoria, que, a nosso ver, é tambem a mais pratica e sobretudo a mais oportuna.

Que fiquem onde se encontram... e que deus os conserve por lá muito tempo até ao dia da... justiça que de certo não vem distante.

Gonçalo de Araújo.

Porque é que nos devemos bater

Num artigo magistral da «Vida Portuguesa», um dos espiritos mais lucidos e mais sólidos desta geração, António Sérgio, escrevia a propósito da guerra que actualmente se está travando algumas coisas profundamente verdadeiras. Dizia elle que nenhuma das potências contendoras, ao contrário do que se tem dito e apregoadado, se bate no momento pelo Direito, pela Civilização, pela Liberdade, pela Raça latina. Esta guerra é, como a maior parte das anteriores, uma guerra de interesses, e de interesses económicos.

Esta guerra nasce efectivamente do choque de vários interesses antagonicos. De uma parte temos o conflito anglo-germânico e o conflito germano-francês, isto é, a Alemanha ameaçando de morte a industria e o commercio británicos e cubicando as colónias e o ouro da França; de outra parte o conflito austro-russo e o conflito austro-italiano, representados respectivamente nos Balcanes e no Adriatico. E a Sérvia e a Bélgica, nesta contenda enorme e terrivel, em que se sentem bocas ávidas de industriais por traz das bocas negras dos canhões, não são mais do que simples pretextos, úteis para dissertações literárias.

Tudo isto é lamentável, não ha dúvida. Faz-se-nos um frio horrivel no coração ao vermos que ainda as nações se não determinam por fins ideais, como alguns dos tipos superiores da humanidade (os Kropotkine, os Tolstoi, os Carnogic, os Bakunine, cada um no seu campo), e se batem, não pelas belas causas e pelos nobres principios, mas pelo ferro, pelo algodão e pela anilina. É lamentável que assim seja, e que nesse, como em tantos outros pontos, o materialismo historico do padre-mestre Marx encontre completa e evidente justificação. Mas, se *sunt lacrimae rerum*, de nada vale fecharmos os olhos á cruel verdade e por-mo-nos a ouvir, para embalarmos nossos sonhos, vagas e illusórias canções. Pelo contrário. Nós, os idealistas que não perfilhamos apenas um idealismo literário e que queremos preparar com a nossa actividade o triunfo das nossas aspirações não poder-mos querer construir um mundo

ideal que trazemos dentro de nós. Para isso necessário é partirmos da realidade presente, porque é nela que temos de inserir a nossa acção. O contrário seria querermos ascender da terra sem contar com as leis da gravidade...

Mas é preciso notar, se esta luta não é, rialmente, uma luta entre a Liberdade e o Despotismo, entre o Progresso e a revivescencia anacrónica dum passado já morto, tudo se passa porém como se o fôsse.

Se há nesta guerra, quanto aos intuitos e causas inicias, uma luta entre dois grandes sistemas de interesses, e não há mais nada, há, quanto aos resultados, uma verdadeira luta entre duas civilizações antagonicas—uma democrática, progressiva, antimilitarista, outra imperialista, medieval, caserneira. Ninguém tem dúvidas sobre este ponto. Para a liberdade das pequenas nações, para a justiça das fórmulas e instituições sociais, para a paz do mundo, não é indifferente quem desses dois grandes grupos de interesses aniquile o outro. O mundo apresentará uma face diversa depois da guerra, conforme triunfar um ou outro dos contendores.

Nestas circunstâncias, se, para combater o imperialismo germanico se formasse uma liga dos pequenos estados, estava bem que Portugal se metesse tambem na contenda, pelejando pela Liberdade e pelo Direito ao lado dos outros povos da Europa. Mas, como vimos, ninguem se bate, intencionalmente, pela Liberdade e pelo Direito, e os pequenos Estados deixam-se ficar em casa, a ler as noticias da guerra ao canto da lareira, não contribuindo para ela com mais do que os entusiasmos das suas simpatias especiais. Nestas condições, seria eminentemente ridiculo que Portugal, o pequeno e depauperado pais do occidente, se instituisse em paladino do Direito e da Justiça afrontados, seguida para os campos de batalha a derramar o seu sangue em prol de uma causa pela qual realmente, ninguem se batia. Faria assim Portugal, no século XX, a figura de D. Quixote—mas ahi não contra os moinhos.

Porque nos devemos então bater, se não se trata de defender a causa da humanidade, a Justiça, o Progresso, a Raça latina?

EM PRÓL DUMA CAUSA JUSTA!

Ainda a lei do descanso semanal

— A actual camara municipal, contra todos os principios de equidade e justiça, procura a todo o transe derruir o idial duma classe por todos os titulos bem digna da maxima consideração.

— O ardil e a astucia foram sempre os meios de que se utilizaram os inimigos do Regulamento do descanso, em vigor, para com melhor exito o combaterem.

— Que destino levaram os processos promovidos pela autoridade administrativa contra os negociantes desrespeitadores da lei?

— Em substituição dum regulamento — obra de republicanos — que contem as mais justas disposições garantindo por forma eficaz os direitos e regalias duma classe de honrados trabalhadores; annuncia-se, para breve, o aparecimento duma resolução draconiana, retrograda e despótica — obra de monarchicos — com a qual se pretende aniquilar para sempre as legitimas aspirações duma classe que ha anos vem luctando anciosamente pela sua emancipação.

— As resoluções do senado municipal, que deve reunir-se no proximo sabado, vão, sem duvida, trazer aos empregados do commercio as mais asperas desilusões.

— Vencerão, finalmente, os comerciantes, porque são os mais poderosos e a favor dos quais os sequazes dum regimen nefasto sempre se collocaram, em detrimento dos fracos e oprimidos que da Republica só beneficios receberam e recebem sem pruridos de captação.

— O despotismo mais uma vez imperará infre- ne, com menosprezo da lei, da justiça e da liberdade!

Não era nosso intuito voltar a tratar deste importantissimo assunto, mas o momento não é para despresar.

A simpatia que nos merecem todas as causas justas, como esta, e as condições e forma porque se pretende pôr termo a um conflicto de ha tempos aberto entre empregados e alguns commerciantes, impõe-nos o dever moral de, até final, nos conservarmos solidarios com aqueles que nada nos tendo solicitado, tiveram sempre da nossa parte uma defesa acerrima dos seus legitimos e incontestaveis direitos.

Nós bem sabemos que com tal proceder alienamos simpatias e criamos inimidades que jamais esquecem, mas isso não nos impede nem jamais nos impedirá de que levemos a preciso termo as nossas considerações.

Muito mais alto do que as nossas conveniencias politicas e particulares, devemos collocar o nosso dever que temos precisamente de cumprir, como cidadãos livres e independentes!

Pela liberdade e pela justiça, eis o nosso idial, e por elle tudo sacrificaremos.

E' possivel, senão certo, que as nossas palavras sejam mal interpretadas ou recebidas pelos que, nos rasgos de independencia dos outros, sómente antolham o interesse e a vaidade, mas isso é de importancia minima para a nossa consciencia!

Nada nos demove nem demoverá para continuarmos serenamente a caminhar pela estrada que mais direita nos parece.

Sempre justos, imparciaes e cordatos, mas atacando sempre de frente todos os despotismos, defendendo sem treguas a causa sagrada dos oprimidos, sejam quais forem, estejam eles no campo que estiverem.

A verdade quando é cimentada em factos que não tem contradita ou contestação, é inatacavel e indestrutivel.

Pela verdade e pela justiça, pois, é que hoje renovamos, em ultima instancia, a nossa defeza em prol duma causa justa, como é a dos empregados do commercio.

No inicio desta campanha não nos referimos propositadamente ao procedimento da actual camara na debatida questão do descanso, não obstante para isso tivéssemos razões de sobejo, para que os mal intencionados, que sempre são fataes nestas conjunturas, não podessem alegar que o nosso intuito não era outro do que transformar cavilosamente uma causa justa numa mera especulação de caracter politico.

Tais razões, porem, hoje, não subsistem. Os factos são tão publicos e desenrolaram-se de forma tal, que já ninguém pode ignorar-os em todas as suas modalidades.

Está cabalmente demonstrado que alguns negociantes — pois que um pequeno numero ha que se salva de todo este lodaçal — para conseguirem os seus premeditados intentos conta v a m antecipadamente com a plena aquiescencia dos actuais dirigentes dos negocios municipais; nem mesmo por outra forma se justifica a

Ah! é muito simples, é porque se trata de defender a nossa pele. E com a nossa pele a nossa dignidade. Não é bem a Raça latina, mas é alguma coisa que é mister que defendamos com unhas e dentes, até ao ultimo sópro da nossa vida.

Nos campos de batalha — não é segredo para ninguém, mas nunca é de mais insistir, ao ruído temeroso dos canhões de 42, está-se travando uma luta de que dependerá o nosso destino. Joga-se nos campos de França a nossa sorte futura. Não intencionalmente, oh! não, evidentemente que não. Mas, mais uma vez, tudo se passa como se fôsse esse o intento dos contendores. Se uma dessas nações vencer representará isso para nós esta simples bagatela: a posse repousada e tranquila **como nunca** dum vastissimo território colonial, invejado dos mais poderosos, a manutenção, segura **como nunca**, das conquistas realizados depois de 5 de Outubro, a independência, firme e sólida **como nunca**, do nosso torrão continental. Pelo contrário, o triunfo da outra parte é a perda das colónias do regimen, pelo menos, e seria a da independência, porventura.

Agora já o problema apresenta uma nova face.

De um lado é util que auxiliemos a causa dos aliados, porque quanto maior fôr a sua força, maior será a probabilidade de tirarmos do conflicto um partido vantajoso. Já dizia Calino que quantos mais homens puxarem para um lado mais natural é que eles triunfem.

De outro lado é indispensavel que auxiliemos essa causa, porque estando, como disse, a jogar-se os nossos destinos nos campos de batalha, e não havendo com certeza nação nenhuma a não ser algumas das actualmente em luta, que mais interesse tenha no triunfo de uma das parcialidades (trata-se de um imenso imperio), um dos maiores ainda hoje!) seria indigno, e inspiraria nojo e desprezo aos hotentotes, que nós ficássemos em casa a fazer votos porque o Teutão fôsse vencido, prontos a regalar-mo-nos com os resultados do triunfo do Bretão, mas sem para ele ter contribuido de qualquer maneira. Não se trata aqui da idealidade, como veem; trata-se de dignidade, que é coisa diferente. Não se trata de nos sobrepor-mos ás outras nações, para nos arvorarmos em cavaleiros andantes do Direito, mas em fazermos uma coisa util aos nossos destinos e exigida pela nossa dignidade, isto é, trata-se de fazer o que qualquer outro país faria nas mesmas circunstancias, zulus ou péles vermelhas que fôsem.

Mas ha mais: não só devemos ir; temos também necessariamente de marchar.

Pela boca de todos os chefes politicos e de muitas pessoas autorizadas já sabemos que a In-

glâterra nos pediu o nosso auxilio, convite que nos deve encher de um nobre e justificado orgulho. Ora á Inglaterra liga-nos, como é costume dizer, a fé dos tratados. Devemos cumprilos religiosamente, porque é um dever, e em segundo lugar porque não podemos faltar a ele. Se nos recusássemos, se nos servissemos de evasivas ou subtilidades, se tergiversássemos a Inglaterra abandonar-nos-ia, partir-se-ia de uma das partes (mas ai! só de uma das partes!) o elo que nos liga visceralmente á guerra actual, e Portugal ficaria sujeito, em todas as hipóteses e sem defesa alguma de outra nação, á cupidéz de longinquos e á ambição de proximos. E tão grande é o interesse de certas nações em que nós nos neguemos a auxiliar a Inglaterra que os jornaes duma delas fazem uma propaganda ostensiva contra a nossa participação na guerra. Ainda por esse lado o perigo não é o mandar tropas para a França, como se tem dito mas exactamente o não as mandar.

E, que as alianças não podem apenas dar direitos ou obrigações — e deprimentes seriam se assim acontecesse — a uma das partes. A aliança verdadeira, a única que podemos admitir, a única que desejamos para o nosso país, presuppõe sempre um contracto bilateral, uma reciprocidade de interesses e de obrigações que, a não ser efectuada, leva fatalmente á rotura do facto de aliança e de amizade.

Concluo, pois, em vista destas razões, e não de outras, pela necessidade, pela absoluta fatalidade da nossa participação na guerra europeia.

Num artigo subsequente, se tivermos tempo, veremos o que há a fazer nestas circunstancias, aos fomentadores e agentes de rebeliões monarchicas ou neutralistas que porventura ainda venham a fazer-se. E se falamos em penas de guerra para aplicar a esses nefandos e sacrilegos crimes de traição á Pátria, não nos importa que os Ruys nos encham de impropérios, nem as mãis dos Ruys, nem os admiradores dos Ruys. Se houve militar português bastante indigno da sua farda para dizer que combatiamos contra irmãos, é preciso fazer-lhe ver severamente que contra irmãos que combatem a sua Pátria e a comprometem criminosamente o castigo deve ser maior do que entre naturais inimigos.

Rigorosamente não se trata de irmãos (estúpida coisa!), mas de inimigos — que o não deviam ser.

O momento é grave, e requer a severidade e a decisão das ocasiões solenes. Porque o momento é grave! Apesar de o país o ignorar ainda e de o govêrno não mostrar pressa de o fazer saber.

suprema audacia dos que, um dia, bem seguros da impunidade, com desrespeito absoluto do direito legalmente organizado, se comprometeram a abrir os seus estabelecimentos.

E se assim não foi, perguntamos?

Porque não procederam esses negociantes de igual forma no dominio directivo das ultimas vereações republicanas?

Eles melhor do que ninguém o sabem. Mas não foi, decerto, por que não fizessem continuas e incessantes reclamações, embora sempre desatendidas por inopurtanas e injustificaveis, nem tão pouco porque não fizessem repetidas publicações de extravagantes relatorios, em nome dessa pitoresca associação commercial, de que não são socios a maioria dos negociantes da vila e que mais parece um feudo de reacionarios incorrigiveis.

E os inimigos do actual regulamento do descanso em vigor, como leais associados de tal baluarte politico, mostraram não desconhecer os habitos da casa.

Serviram-se, de preferencia, da astucia e do ardil para com melhor exito conseguirem a efectivação dos seus intentos, procurando iludir sempre os seus subordinados com promessas e concessões que mais tarde sabiam que livremente podiam trair.

Mas como tais artimanhas não surtiram o efeito desejado, ahí temos de novo os inclitos varões, em via sacra constante pelos corredores do municipio, exigindo dos vereadores seus collegas, cúmplices na indecorosa trama, o seu concurso prometido em hora fatidica e solene.

E então, estes, valha a verdade, não faltaram. Satisfizeram plenamente o compromisso tomado; e como poderia parecer um tanto desairoso que fossem eles os proprios que tivessem de arcar com a responsabilidade moral de tão audacioso golpe, escolheram, de entre os senadores effectivos, um que se prestasse a consumir o delicto há tanto tempo friamente premeditado nos salheiros conspiratorios da confraria dominadora.

No entretanto, emquanto que a autoridade administrativa delega nos tribunais a resolução do conflicto sujeitando á severa punição das leis em vigor os contraventores da lei, estes mais uma vez maquinam com astucia e ponto de nos levaram a interrogar a entendida competente: Que destino levaram esses infundaveis processos contra os commerciantes que desrespeitaram o actual regulamento do descanso semanal, em vigor?

Por que não têm andamento? Que motivos ha para tanta demora? Quem nos responde?

A actual camara, feudo dos mais atrozes inimigos do regimen, preparando na sombra um novo regulamento em que, como todos já o esperavam desde o dia da sua posse, para sempre se aniquilará as legitimas aspirações duma classe que anciosamente lucta ha anos consecutivos pela sua emancipação; prostergando assim direitos adquiridos e que só uma revoltante má fé pode justificar, em completa contraposição com a admiravel

